



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Na semana, mercado aguarda Ata do Copom e Relatório de Política Monetária. Agenda doméstica também traz dados de inflação e emprego.

- O Banco Central divulga nesta semana a Ata da última reunião do Copom e o Relatório de Política Monetária do 1T26, que devem auxiliar os agentes a calibrar suas apostas para a reunião de abril.** O Copom reduziu em 0,25 pp a taxa Selic, para 14,75% a.a. na reunião da semana passada, indicando o início de um “ciclo de calibração” dos juros e deixando espaço para novos ajustes já na próxima reunião, que ocorrerá em abril (dias 28 e 29). Deste modo, os documentos, que serão conhecidos na terça (24) e quinta (26), podem trazer informações mais detalhadas sobre a leitura do cenário pelo Comitê. Será importante avaliar, por exemplo, maiores informações sobre a projeção da inflação no horizonte relevante (3T27), que sofreu apenas uma ligeira revisão para cima, mesmo diante da escalada do preço do petróleo, bem como o que o Copom espera observar de efeitos do conflito nos preços para acelerar ou não o ritmo de cortes da Selic.
- Com relação à inflação, o IBGE divulga na quinta (26) o resultado do IPCA-15 de março, que deve voltar a ficar abaixo de 4,0% a.a pela primeira vez desde maio/24 (3,70%).** O consenso do mercado estima que a prévia da inflação subiu 0,29% no mês, número mais contido que o registrado em março de 2025 (+0,64%), na ocasião pressionado por alimentos no domicílio e transportes. Com isso, no acumulado em 12 meses, o índice deve desacelerar de 4,10% para 3,74% e, em suas aberturas, será possível avaliar se o dado confirma a percepção positiva dos agentes em relação ao processo de desinflação da economia.
- Com relação ao mercado de trabalho, a taxa de desemprego deve registrar leve alta em fevereiro, mas sem alterar o cenário de desemprego em baixo patamar.** O IBGE divulga a PNAD Contínua nesta sexta (27), com expectativa de que o indicador atinja 5,7% no trimestre encerrado em fevereiro (ante 5,4% em janeiro). Boa parte do aumento deve refletir fatores sazonais, como o Carnaval e ajustes nas contratações de fim de ano em 2025, que ainda influenciam o indicador trimestral.
- No campo fiscal, a Receita Federal deve divulgar os dados de arrecadação federal de fevereiro.** A expectativa é de alta real de 4,5% ante fev/25, segundo o Prisma Fiscal, que aponta mediana de R\$ 219,5 bilhões para o mês. O número deve refletir a resiliência da atividade econômica e o aumento dos ganhos de capital, dada a maior alocação e rentabilidade de títulos de renda fixa em um ambiente de juros elevados. A leitura será a primeira com a vigência da ampliação da faixa de isenção do IR até R\$ 5 mil, o que permitirá observar os sinais iniciais da renúncia fiscal associada à medida.
- No setor externo, a balança de transações correntes deve registrar déficit de US\$ 5,4 bi em fevereiro.** O déficit projetado é bem menor do que o registrado em fev/25 (US\$ 10,2 bi), refletindo o aumento expressivo das exportações no mês passado que puxaram para cima o saldo comercial. Assim, no acumulado em 12 meses, o déficit externo deve cair pelo 3º mês consecutivo para US\$ 62,5 bi ou 2,7% do PIB (ante 2,9% do PIB em jan/26), mantendo o cenário relativamente confortável para as contas externas.
- No Oriente Médio, a semana se inicia com indicação de negociações entre EUA e Irã, após aumento considerável da tensão no fim de semana diante de um ultimato de Donald Trump ao Irã.** O presidente norte-americano ameaçou destruir usinas de energia iranianas se o Estreito de Ormuz não fosse desbloqueado em 48 horas, prazo que terminaria na noite de hoje (23). O governo iraniano, em resposta, afirmou que fecharia de fato a passagem pelo estreito caso os EUA cumprissem com a ameaça. Após horas de forte tensão, Trump divulgou nas redes sociais que manteve “conversas boas e produtivas” com o governo iraniano, instruindo o adiamento de ataques contra a infraestrutura energética no Irã. A declaração trouxe um alívio pontual, com os futuros das bolsas norte-americanas em alta nesta manhã. Porém, a situação deve seguir sendo monitorada de perto pelos agentes.
- A semana será bastante esvaziada de divulgações no cenário internacional, com destaque para os indicadores antecedentes (PMIs) nos EUA e na Europa.** Na terça (24), serão conhecidas as prévias de março dos PMIs (manufatura e serviços) para as duas economias, onde as divulgações já devem trazer, ao menos qualitativamente, percepções dos agentes com relação aos impactos da guerra sobre os negócios.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/mar	Ata do Copom	-	-	-
25-27/mar	FGV: Sondagens de Confiança	Mar/26	-	-
26/mar	BCB: Relatório de Política Monetária	1º tri/26	-	-
26/mar	IBGE: IPCA-15	Mar/26	0,29% m/m 3,74% a/a	0,84% m/m 4,10% a/a
27/mar	BCB: Estatística do Setor Externo	Fev/26	US\$ -5,4 bi	US\$ -8,4 bi
27/mar	PNAD: Taxa de Desemprego	Fev/26	5,7%	5,4%
Sem data	RFB: Arrecadação de Impostos	Fev/26	4,5%* a/a	3,6% a/a

Fonte: Bloomberg. *Prisma Fiscal.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/mar	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Mar/26 - prévia	-14,2 pts	-12,2 pts
24/mar	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mar/26 - prévia	49,6 pts / 51,1 pts	50,8 pts / 51,9 pts
24/mar	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mar/26 - prévia	51,2 pts / 52,0 pts	51,6 pts / 51,7 pts
27/mar	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mar/26 - final	54,0 pts	56,6 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom corta juros em 0,25 pp e inaugura ciclo de calibração em ambiente externo mais incerto

Na semana passada, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reduziu a Selic para 14,75% aa, iniciando o “ciclo de calibração monetária”. O comunicado não explicitou um *guidance*, mas afirmou ver condições para que novos ajustes sejam implementados, preservando a possibilidade de continuidade do ciclo nas próximas reuniões.

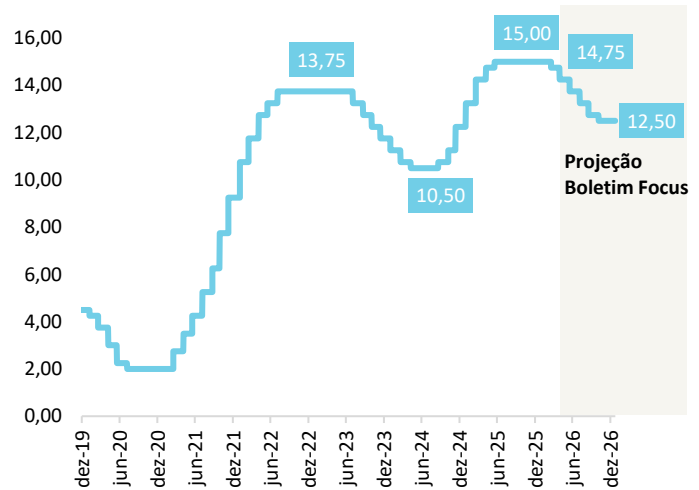
A decisão do Copom marca o primeiro corte de juros desde maio de 2024. A magnitude do corte (-0,25 pp) veio em linha com a expectativa considerando a véspera da reunião, mas o ciclo se inicia de modo mais gradual do que precificado antes da eclosão da guerra no Irã (-0,50 pp). A reprecificação refletiu a disparada recente do preço do petróleo, que já supera os US\$ 110 por barril (*Brent*), pressionando as expectativas de inflação e trazendo maior volatilidade para o cenário. Diante disso, o Colegiado apontou que o ambiente externo tornou-se mais incerto, uma vez que o conflito geopolítico eleva a volatilidade de preços dos ativos e *commodities*.

Quanto ao cenário interno, o Copom manteve a leitura de que a economia doméstica segue em trajetória de moderação no crescimento, enquanto o mercado de trabalho segue resiliente. No caso dos preços, destacou que as métricas subjacentes de inflação seguem arrefecendo, apesar do índice cheio seguir acima do centro da meta (3,0%). Contudo, a projeção do BC para o IPCA em 2026 subiu (3,9% ante 3,4% na reunião anterior). Por outro lado, o IPCA projetado para o 3T27 (atual horizonte relevante) foi revisado apenas marginalmente, de 3,2% para 3,3%. Apesar da projeção ter se distanciado da meta, a revisão foi lida como *dovish* pela maior parte dos analistas, por parecer pequena diante do choque externo.

Sobre a condução da política monetária, o Comitê julgou apropriado iniciar a “calibração” dos juros. Segundo o BC, o período prolongado da Selic em patamar contracionista produziu evidências de transmissão da política monetária sobre a desaceleração da atividade. Além disso, o Colegiado enxerga que este período criou “condições para que ajustes no ritmo dessa calibração, à luz de novas informações, sejam possíveis”. No entanto, diferentemente da reunião de janeiro, o comunicado não trouxe sinalização explícita sobre o próximo movimento e reforçou que os passos futuros dependerão de novas informações, em especial sobre a profundidade e a duração dos conflitos no Oriente Médio e seus efeitos diretos e indiretos sobre os preços ao longo do tempo.

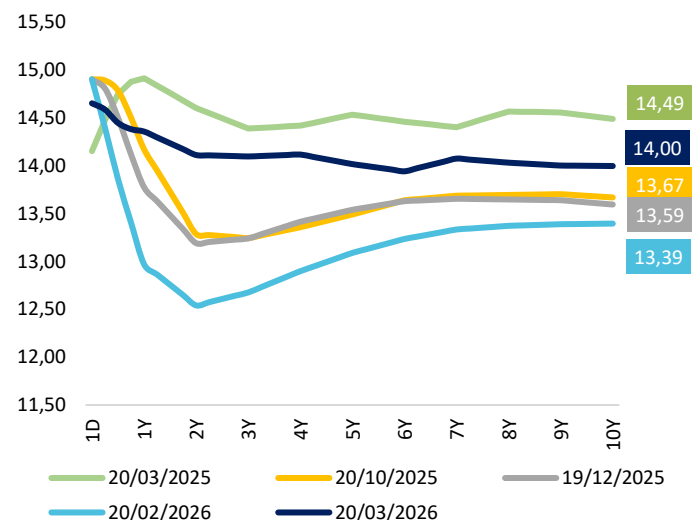
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – Expectativa % a.a.



Fonte: BCB e Focus (20/03/2026).

Quadro 2: Curva de Juros Em % aa



Fonte: Bloomberg

No âmbito da atividade, o IBC-Br (BCB) e o Monitor do PIB (FGV) sinalizaram crescimento no mês de janeiro. Os números indicam um início de ano mais forte, mas sem mudança na percepção de desaceleração econômica.

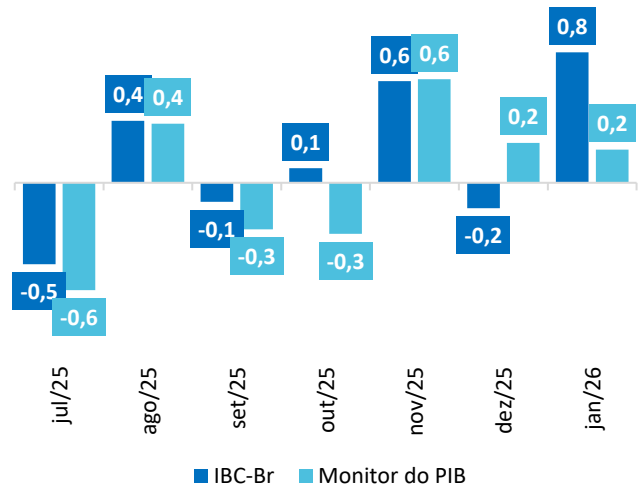
O IBC-Br registrou alta de 0,8% no mês, em linha com o consenso de mercado e revertendo a queda mensal de dezembro (-0,2%). O setor de serviços foi o principal vetor de dinamismo no mês, com expansão de 0,8%, seguido pela indústria, que registrou avanço de 0,4%. Em sentido oposto, a agropecuária apresentou retração de 1,5% na margem, refletindo um processo de acomodação após o forte crescimento observado em 2025, sem, contudo, sinalizar fragilidade estrutural do setor. Excluindo a queda do setor, o avanço do índice no mês teria sido um pouco maior (+0,9%). Apesar do resultado positivo na margem, nas comparações interanuais e no acumulado em 12 meses, o indicador aponta para um processo de desaceleração econômica. Em janeiro de 2026, o crescimento foi de 1,0% em relação a jan/25, enquanto o avanço em 12 meses desacelerou para 2,3% (ver Quadro 4).

O Monitor do PIB, por sua vez, indicou crescimento mais contido no mês (+0,2%). Do lado da oferta, o desempenho foi puxado pela indústria (+0,4%), com desempenho igual ao observado no IBC-Br, enquanto o setor de serviços (+0,1%) apresentou variação mais estável em relação ao indicador do BCB. No trimestre móvel encerrado em jan/26, a alta foi de 0,5% ante o período imediatamente anterior, neste caso puxado por serviços (+0,7%), parcialmente compensado pela indústria (-0,3%). No acumulado em 12 meses, o Monitor do PIB atingiu alta de 2,2%, com estabilidade relativamente disseminada entre os segmentos, o que indica certa resiliência da atividade, mesmo em um ambiente de juros ainda bastante restritivo.

Para a sequência do trimestre, as variações do IBC-Br e do Monitor do PIB observadas em janeiro deixam um *carry-over* de 0,9% e 0,6% para o 1T26, respectivamente. O número está em linha com a expectativa de um início de ano mais forte em termos de atividade, embora deva ser observada uma tendência de perda gradual de dinamismo ao longo de 2026.

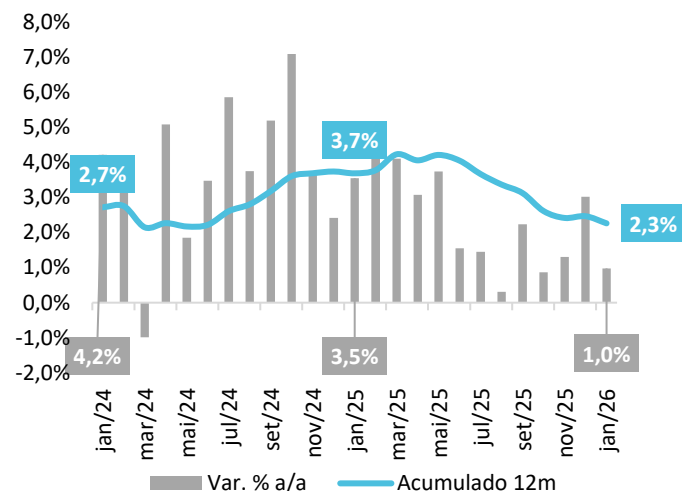
Por fim, no âmbito da inflação, o IGP-10, calculado pela FGV, veio em linha com o esperado e apresentou deflação de 0,24% em março. O resultado segue puxado para baixo pelos preços no atacado (-0,39%), medidos pelo IPA-10, em função de quedas nos preços dos produtos industriais e agropecuários. No caso das *commodities*, houve queda em produtos de maior peso (minério de ferro, soja e milho). No acumulado em 12 meses, o IGP-10 registra deflação de 2,54% (ante -2,26% em fev/26).

Quadro 3: Indicadores de Atividade Econômica
Var % m/m (dessazonalizada)



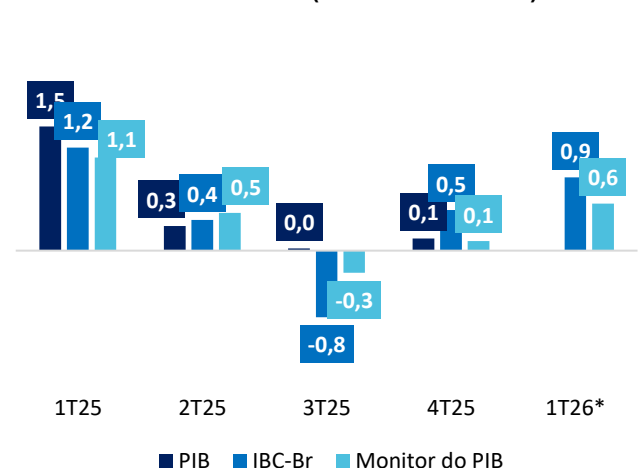
Fonte: BCB e FGV.

Quadro 4: IBC-Br
Var % a/a e acumulado 12 meses



Fonte: BCB.

Quadro 5: Indicadores da Atividade Econômica
Var % Trimestral (dessazonalizada)



Fonte: BCB, FGV e IBGE. **Carry-over* de jan/26 para o 1T26.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

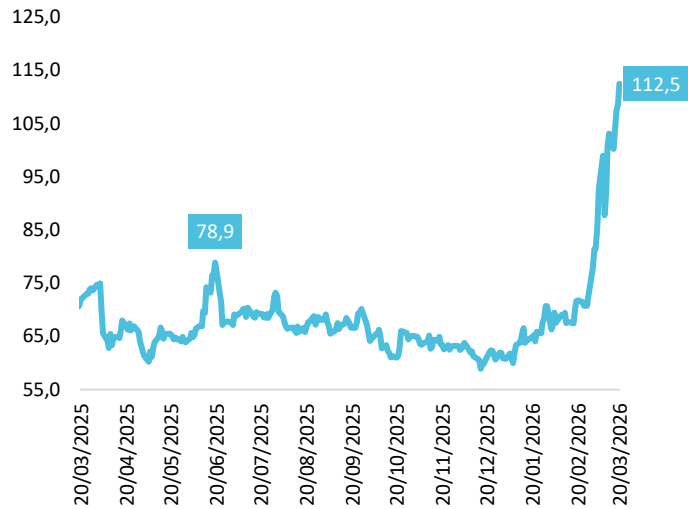
Guerra segue sem trégua, pressionando preço do petróleo e juros globais

No cenário internacional, a guerra no Oriente Médio segue sem nenhum tipo de trégua. Durante a semana, o Irã lançou uma série de ataques contra a infraestrutura energética de diversos países da região. Diante disso, houve novo avanço no preço do petróleo, cujo preço do barril (tipo *Brent*) fechou a semana acima de US\$ 110. As preocupações com pressões inflacionárias globais elevaram os juros dos títulos públicos nos EUA e Europa, enquanto os ativos de risco voltaram a apresentar perdas. Nos EUA, Donald Trump pressionou aliados da OTAN para auxiliar na liberação do Estreito de Ormuz. A resposta foi praticamente unânime no sentido de negar envolvimento na guerra, com exceção apenas do Japão que indicou “alguma ajuda” sem citar apoio militar.

A semana também foi marcada por reuniões de política monetária em diversos países. Destaque para os EUA, onde o Fed manteve os juros inalterados entre 3,50% e 3,75% aa pela segunda reunião seguida, conforme esperado pelo mercado. O comunicado sofreu pequenas alterações, reforçando a incerteza do cenário, inflação acima da meta e atividade se expandindo em ritmo sólido. A decisão contou com um voto dissidente, de Stephen Miran, indicado por Trump, que optou por corte de 0,25 pp. Junto do comunicado, o Fed divulgou suas projeções (SEP), que trouxe ligeiras revisões para cima da inflação e da atividade, além de seguirem sinalizando um corte (0,25 pp) dos *Fed Funds* em 2026. O mercado, por sua vez, já passou a aguardar os juros estáveis ao longo do ano todo, segundo dados da ferramenta CME. Na coletiva, o presidente Jerome Powell, indicou que poderia permanecer como presidente interino do Fed caso Kevin Warsh não seja confirmado a tempo. Ainda nos EUA, os preços ao produtor (PPI) subiram 0,7% no mês de fevereiro, acima do esperado (+0,3%), atingindo 3,4% em base anual, maior valor desde jan/25.

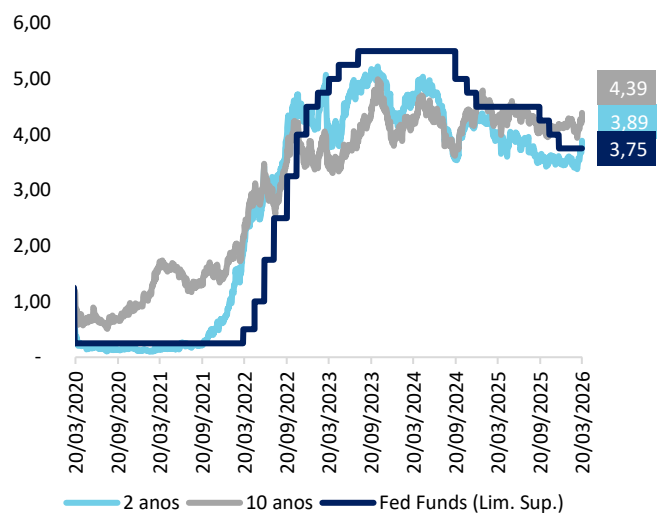
Na Europa, o Banco Central Europeu (BCE) manteve as taxas de juros inalteradas (2,0% aa para a taxa de depósito), conforme esperado. Além disso, o BCE alertou que os próximos passos dependerão dos desdobramentos da guerra, em função do impacto nos preços de energia. Neste sentido, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de fevereiro, ainda sem captar efeitos da guerra, veio em linha com o esperado e atingiu 1,9%. Por fim, na Inglaterra, o Banco Central (BoE) também manteve a taxa de juros inalterada (em 3,75%) como previsto pelo mercado, porém, foi mais duro ao deixar aberta a porta para uma eventual retomada do ciclo de alta, o que gerou estresse no mercado de juros.

Quadro 6: Preço do barril de Petróleo (tipo Brent) Em US\$



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: Fed Funds e Rendimentos das Treasuries (2 e 10 anos) – Em % aa



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Fed – Projeções Macroeconômicas

	Projeção mar/26			Diferença ante dez/25 (p.p.)		
	2026	2027	2028	2026	2027	2028
Taxa de Juros (% aa)	3,4	3,1	3,1	0,0	0,0	0,0
Inflação (Núcleo do PCE) (Var. % a/a)	2,7	2,2	2,0	+0,2	+0,1	0,0
PIB real (Var. % a/a)	2,4	2,3	2,1	+0,1	+0,3	+0,2
Taxa de desemprego (%)	4,4	4,3	4,2	0,0	+0,1	0,0

Fonte: Fed/Summary of Economic Projections (SEP).

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 0,5% em fevereiro e se manter com bom ritmo de expansão anual

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,5% em fevereiro, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. O número deve resultar em desaceleração no ritmo de expansão anual, atingindo alta de 9,7% em fevereiro (ante +10,1% em jan/26), mas seguir contando com bom dinamismo.

No mês, o crescimento deve ser de mesma magnitude (+0,5%) tanto para o crédito destinado às famílias como para as empresas. Na carteira PF, a alta deve ser puxada pelos recursos direcionados (+0,9%), beneficiados pelas renegociações no crédito rural (MP 1.314) enquanto o crédito habitacional apresenta resiliência, em meio às recentes alterações no modelo de financiamento e programas governamentais (nova faixa do “Minha Casa, Minha Vida”).

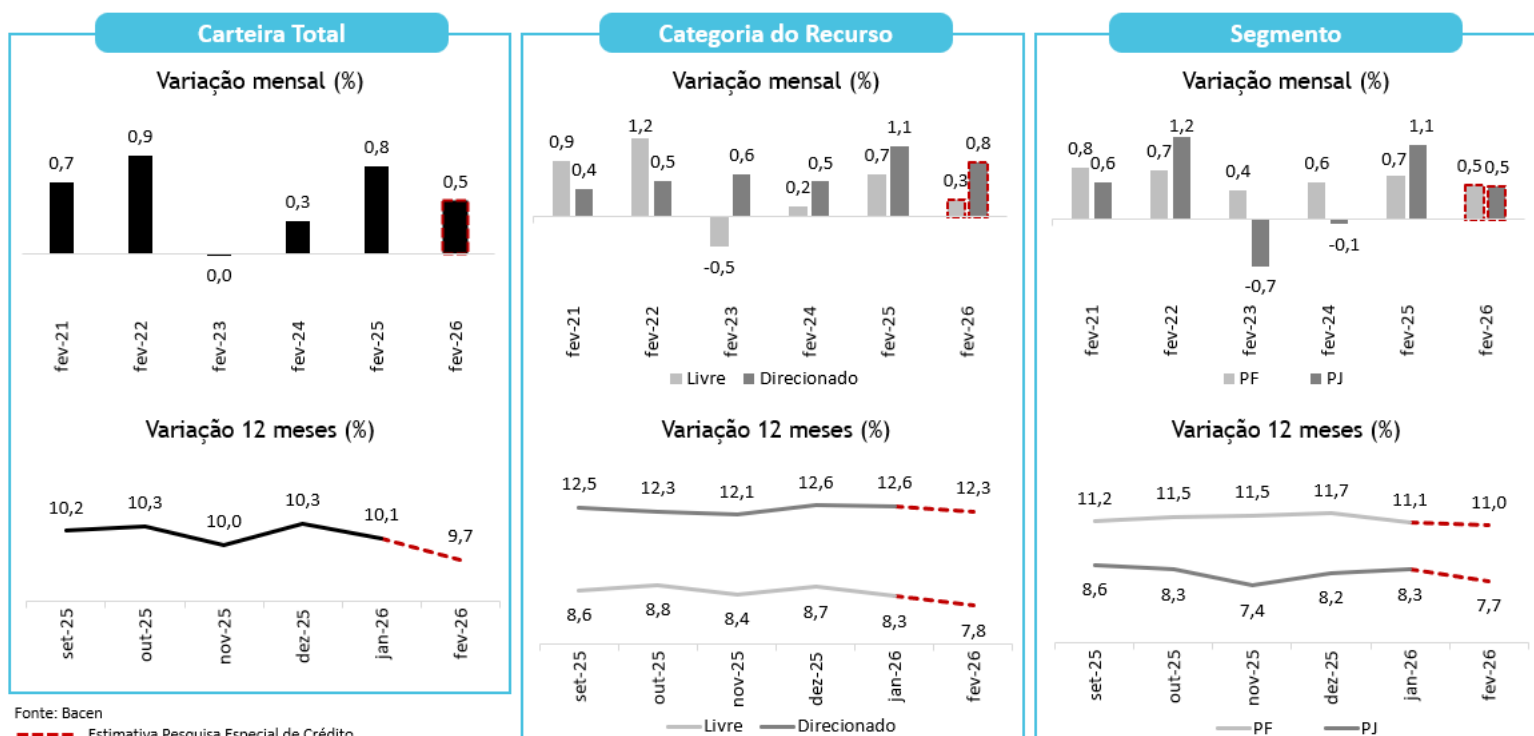
A carteira PF com recursos livres deve avançar 0,2%, com expansões no consignado privado e cartão de crédito rotativo,

neste último caso, refletindo maior comprometimento de renda das famílias. O saldo do cartão de crédito à vista, por sua vez, deve sofrer com a menor quantidade de dias úteis de fevereiro contra janeiro. Apesar de leve desaceleração em 12 meses (+12,2% ante +12,4% em jan/26), a expansão da carteira livre PF segue acima de dois dígitos.

Já a carteira destinada às empresas (+0,5%) deve subir no mês puxada pelo avanço dos recursos direcionados (+0,7%), na esteira dos programas governamentais destinados às MPMEs e bom dinamismo nas linhas com recursos do BNDES. Em 12 meses, a expansão da carteira direcionada PJ segue bem acima das demais aberturas, atingindo 17,9% em fevereiro, ante 18,5% em jan/26.

Os recursos livres, por sua vez, devem subir 0,3%, impactados, em parte, pelo menor número de dias úteis no mês. Assim, em 12 meses, a linha deve voltar a desacelerar (+1,7% ante +2,4%).

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito devem apresentar queda mensal de 9,2% em fevereiro, refletindo o menor número de dias úteis do mês. Fazendo este ajuste, as concessões avançaram 5,9% ante jan/26.

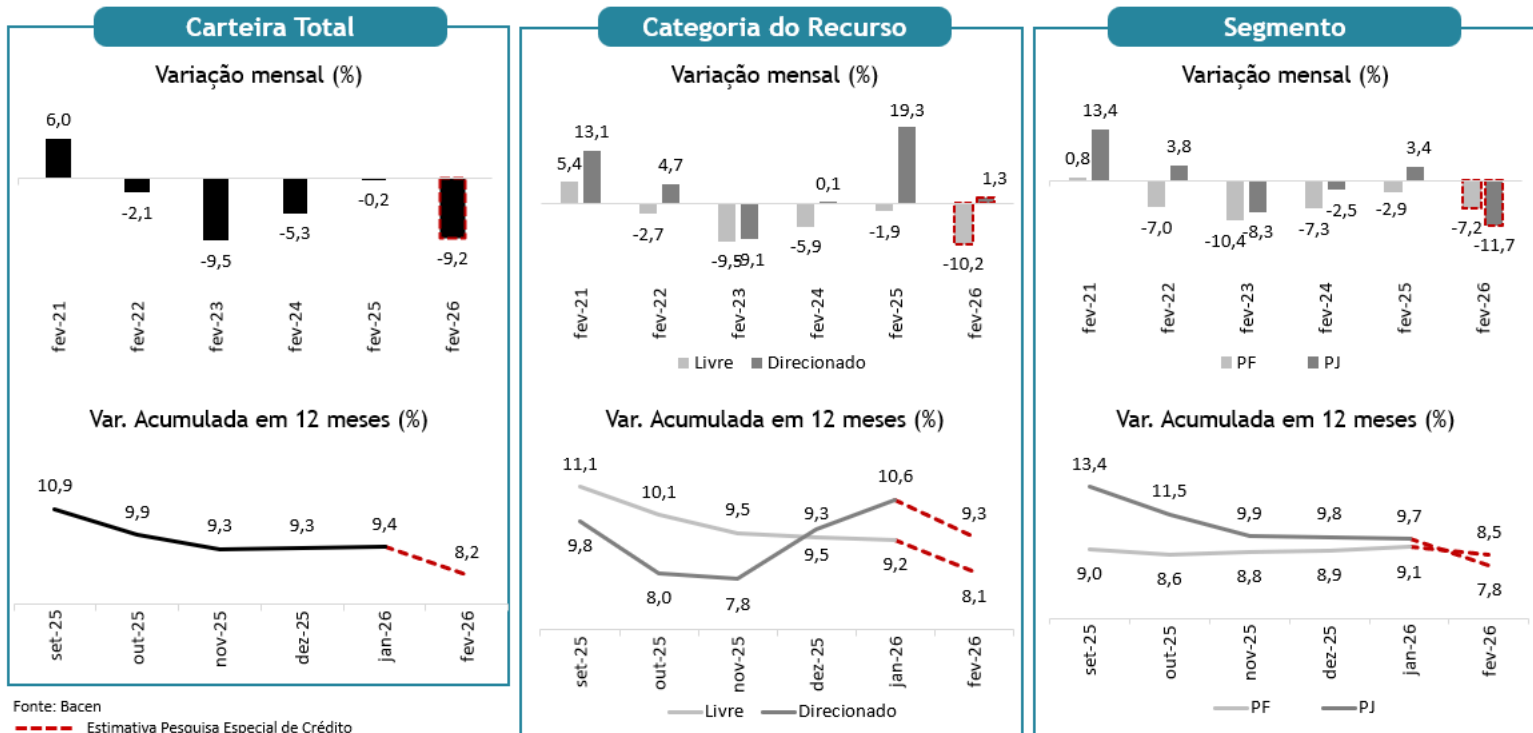
Na comparação com fevereiro de 2025 (por dias úteis), as concessões devem crescer 11,8%. O patamar alto das concessões deve ser sustentado pelas linhas destinadas às famílias, marcada pelas renegociações do crédito rural, no caso dos recursos direcionados, e pelo avanço do consignado privado e das linhas rotativas, no caso dos recursos livres. Além disso, as concessões seguem dinâmicas entre os recursos direcionados destinados às empresas, com programas governamentais para MPMEs e recursos do BNDES.

No acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais voltou a desacelerar, passando de 9,4% para 8,2% em fevereiro, movimento observado tanto na carteira PF quanto PJ.

Portanto, a pesquisa aponta que o ritmo de expansão do crédito segue elevado, apesar de alguns sinais de acomodação, diante da política monetária em nível bastante contracionista. O crescimento da carteira total tem se mantido alto, sustentado pelos programas governamentais (PJ Direcionado) e linhas voltadas ao consumo para as famílias (PF Livre).

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para acontecer em 30 de março. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Fevereiro/2026

As captações do mercado de capitais totalizaram R\$ 46,6 bi em fevereiro, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. O resultado ficou abaixo (-22,8%) do observado no mês anterior (R\$ 60,5 bi) e relativamente estável (-3,2%) ante fev/25 (R\$ 48,2 bi), em ambos os comparativos com dados já ajustados pelo IPCA.

As debêntures seguem sendo o principal motor do mercado, representando 58% do volume no mês (R\$ 26,9 bi). Contudo, o valor foi 15,4% inferior ao observado no mesmo período do ano passado. Já os demais instrumentos de renda fixa foram responsáveis por 22% do total (R\$ 10,3 bi), com queda mais acentuada no comparativo anual (-30,8%). O recuo, neste caso, foi puxado pelo menor volume de CRAs (-57,9%). Mesmo diante das quedas no comparativo anual, as captações via renda fixa seguem sustentando o segmento, representando 80% do total em fevereiro. Assim, a média trimestral da participação da renda fixa sobre as captações totais (Quadro 12) continua em nível elevado, atingindo 78,2% em fev/26, acima de 70% desde out/21, refletindo o alto patamar da Selic nos últimos anos.

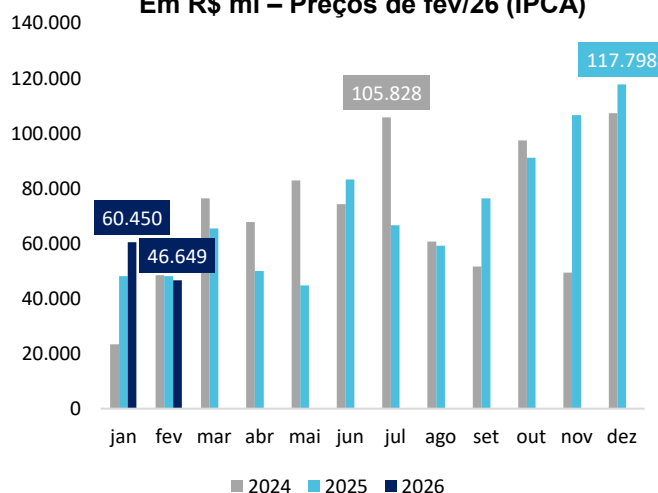
Com relação aos instrumentos de renda variável, houve nova sinalização positiva em fevereiro, onde apesar do mercado seguir sem IPOs desde jan/22, foram captados R\$ 5,0 bi (11% do total). O volume é referente a uma única operação de *follow-on* da empresa aérea Azul. Os instrumentos híbridos, por sua vez, foram responsáveis pelos 10% restantes (R\$ 4,4 bi), triplicando o volume observado em fev/25 (R\$ 1,5 bi), puxado pelo desempenho positivo dos FIIs.

No acumulado do ano, as captações somaram R\$ 107,1 bi, alta de 11,2% ante o mesmo período do ano passado (Quadro 13). Neste comparativo, os números foram puxados pela renda variável, que saiu de zero no 1º bimestre de 2025 para R\$ 13,0 bi em 2026 e pela alta dos instrumentos híbridos (+50,0%). Já as debêntures, registraram queda (-12,3%).

Portanto, o mercado de capitais iniciou o ano com bom patamar de emissões, que apesar de concentradas em renda fixa, indicam ligeira recuperação das captações via renda variável (*equity*). De todo modo, a partir de março será importante avaliar o impacto da turbulência causada pela guerra. Em um cenário de alta no preço do petróleo e expectativas de inflação subindo, há ainda mais pressão nos juros, que já estão em nível elevado. Tais efeitos podem levar investidores a exigir maiores retornos, enquanto as empresas podem se ver obrigadas a reduzir ou mesmo adiarem as ofertas programadas.

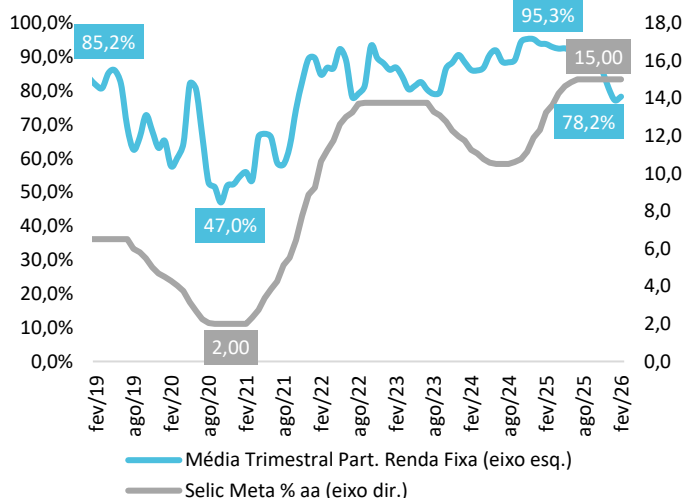
CRÉDITO / BANCOS

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de fev/26 (IPCA)



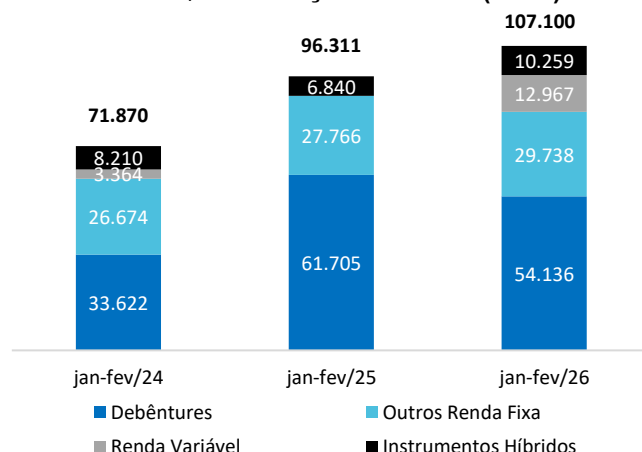
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Média mensal da Taxa Selic (% aa) e Participação dos instrumentos de Renda Fixa (%)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Acumulado de captações no 1º bimestre Em R\$ mi – Preços de fev/26 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Regulação – Comitê de Estabilidade Financeira do Banco Central (Comef)

CRÉDITO / BANCOS

Comef mantém o Adicional Contracíclico de Capital Principal relativo ao Brasil em 0% e destaca capacidade de absorção de choques do SFN

Em Ata referente a reunião realizada nos dias 11 e 12 de março, o Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do BCB trouxe maiores detalhes sobre o encontro onde decidiu, novamente, manter o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCPBrasil) em 0%. O documento traz o Comef evidenciando a capacidade de absorção de choques do SFN, diante das recentes liquidações extrajudiciais (Conglomerado Master) e fazendo ponderações sobre o ambiente externo e doméstico. Além disso, o Comitê voltou a indicar que segue avaliando a sistemática que estabelece um valor positivo para o ACCP Brasil em períodos sem acúmulo significativo de riscos financeiros.

Em relação ao cenário externo, o Banco Central apontou que o sistema financeiro internacional tem demonstrado resiliência, apesar das incertezas relacionadas à política econômica e aos riscos geopolíticos permanecerem elevados. Entretanto, até o momento, tais efeitos se concentram nos preços das *commodities*, sem indicar contágio no sistema financeiro. Nos EUA o documento destacou a inadimplência elevada, especialmente em cartão de crédito (maior nível desde 2009), enquanto o balanço do Fed voltou a se expandir, em meio à liquidez global elevada. Na China, em linha com a moderação econômica, está ocorrendo uma desaceleração do crédito bancário. No mais, apontou que maioria das jurisdições mantiveram inalterados os *buffers* contracíclicos de capital, com muitas delas adotando a sistemática do *buffer* neutro positivo.

No Brasil, é observada uma desaceleração do crédito em linha com a moderação da atividade. Do lado das famílias, o arrefecimento se dá no crédito rural e linhas de maior risco, enquanto no crédito PJ, há acomodação para todos os portes de empresas (exceto microempresas). Por outro lado, o mercado de capitais segue aquecido, aumentando sua relevância como fonte de financiamento, em um contexto de ampliação do número de emissores e *spreads* comprimidos. No caso do mercado de capitais, vale destacar a menção a maior utilização de instrumentos que envolvem múltiplas camadas de fundos de investimento, modelo de negócio que, segundo o Comef, dificulta a avaliação adequada dos riscos. No entanto, a Ata evidencia que são poucas IFs que possuem parcela relevantes dos ativos neste tipo de operação.

Já as provisões do SFN (Sistema Financeiro Nacional), se mantiveram compatíveis com as estimativas de perdas esperadas. Em termos individuais, o documento apontou para um aumento no número de IFs com provisão inferior à estimada pelo BC, apesar de, na grande maioria dos casos, o nível de capitalização ser suficiente para absorver eventuais ajustes. De todo modo, o SFN segue mantendo níveis de capital e liquidez acima dos requerimentos prudenciais, suficientes para absorver potenciais perdas em cenários estressados, com os testes de estresse reforçando a resiliência do sistema.

Adicionalmente, o Comef destacou que a liquidação extrajudicial das IFs integrantes do Conglomerado Master não gerou efeitos sistêmicos ao SFN. Os mecanismos de proteção existentes associados ao Fundo Garantidor de Crédito (FGC) foram acionados, absorvendo o choque, enquanto na sequência, foi determinado um plano de recomposição da liquidez do FGC. O Comitê de Estabilidade voltou a indicar que os efeitos das Resoluções do CMN nº 5.114 (dez/23) e nº 5.238 (ago/25) já contribuem para reduzir o número de IFs com níveis elevados de dependência de captações garantidas pelo FGC.

Por fim, o Comitê também ressaltou que as instituições financeiras e prestadoras de serviços de tecnologia devem fortalecer continuamente os mecanismos de gestão integrada de riscos, principalmente no diz respeito a incidentes cibernéticos.

O Comitê volta a se reunir nos dias 26 e 27 de maio.

[Clique aqui](#) para ler o comunicado completo.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	20/03/26	13/03/26	20/02/26	Viés	20/03/26	13/03/26	20/02/26	Viés
IPCA (%)	4,17	4,10	3,91	▲	3,80	3,80	3,80	↔
PIB (% de crescimento)	1,84	1,83	1,82	▲	1,80	1,80	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,25	12,13	▲	10,50	10,50	10,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,40	5,40	5,45	↔	5,45	5,47	5,50	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	20/03/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,32	-0,15%	3,72%	-2,90%	-6,42%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	145,10	3,31%	9,18%	4,76%	-23,75%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,65	-0,81%	-0,56%	-1,69%	3,47%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,35	1,00%	9,50%	3,90%	-3,79%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,10	-0,10%	8,00%	4,63%	-2,87%
Índice Ibovespa (em pontos)	176.219,41	-0,81%	-6,66%	9,37%	33,55%
IFNC (setor financeiro)	18.265,46	-3,07%	-11,34%	5,60%	30,54%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,90	4,93%	15,56%	13,10%	-1,60%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,38	2,41%	11,23%	6,25%	3,37%
Dollar Index	99,50	-0,86%	1,94%	1,29%	-4,19%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.506,48	-1,90%	-5,41%	-5,65%	14,90%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	149,46	1,63%	-6,11%	-9,72%	21,44%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	121,81	-0,20%	-5,54%	-2,75%	8,27%
Índice Euro Stoxx 50	5.501,28	-3,77%	-10,38%	-5,09%	0,92%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	235,02	-2,57%	-12,58%	-10,91%	21,68%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	112,58	9,15%	55,33%	81,82%	56,36%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins